

Donos da Terra: a questão quilombola em cena¹

Keissy CARVELLI²

Aline BORTOLUZZI³

Patrícia TAGLIAFERRO⁴

Marcos PRZYGOCKI⁵

Ariane Carla PEREIRA⁶

Universidade Estadual do Centro-Oeste, PR

RESUMO

Entendendo a produção jornalística do documentário enquanto meio alternativo para a transmissão de informação/conhecimento, o curta metragem *Donos da Terra* coloca em cena personagens reais da história da escravidão no Brasil, mais precisamente no interior do Paraná, na cidade de Reserva do Iguçu e Guarapuava. Os conflitos étnicos e agrários brasileiros estão presentes na comunidade quilombola Invernada Paiol de Telhas.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; videodocumentário; quilombolas; comunidade Paiol de Telhas

1 INTRODUÇÃO

Muito embora o jornalismo tenha tomado campos crescentes na área do entretenimento, pensamos, enquanto acadêmicos, ser fundamental o olhar direcionado a assuntos que não entram no círculo de discussão da televisão brasileira, nem mesmo elevados a assuntos de interesses sociais nos meios de comunicação locais.

Tendo em vista esta lacuna social não discutida pelos meios tradicionais atrelada à importância que julgamos ter a resistência de movimentos sociais, como o dos quilombolas, propusemos a criação de um produto que trate da realidade social existente a poucos quilômetros de Guarapuava com a naturalidade necessária para que haja discussão e apresentação de uma realidade colocada à margem pelos meios midiáticos.

Dialogando com Bourdieu, a partir dos conceitos de violência simbólica aplicados aos discursos encontrados nos meios de comunicação audiovisuais – especialmente a televisão – quando afirma que

¹ Trabalho submetido ao XIX Prêmio Expocom 2012, na Categoria Jornalismo, modalidade Documentário em vídeo.

² Aluno líder do grupo e estudante do 8º. Semestre do Curso Comunicação Social - Jornalismo, email: keissycarvelli@gmail.com.

³ Estudante do 8º. Semestre do Curso Comunicação Social - Jornalismo, email: aline.bortoluzzi@hotmail.com.

⁴ Estudante do 8º. Semestre do Curso Comunicação Social - Jornalismo, email: patricia.taglia@hotmail.com.

⁵ Estudante do 8º. Semestre do Curso Comunicação Social - Jornalismo, email: marcos_tanto@hotmail.com.

⁶ Orientador do trabalho. Professor do Curso Comunicação Social, email: ariane_carla@uol.com.br.

Uma parte da ação simbólica da televisão, no plano das informações, por exemplo, consiste em atrair a atenção para fatos que são de natureza a interessar todo mundo. (...) Os fatos ônibus são fatos que, como se diz, não devem chocar ninguém, que não envolvem disputas, que não dividem, que formam consenso, que interessam a todo mundo, mas de um modo tal que não tocam em nada de importante (BOURDIEU, 1997, p.23).

O documentário pretende se configurar enquanto embate a discursos já firmados tendo como ferramentas as imagens, a criação dos personagens e seus discursos que possibilitem reproduzir a luta social enquanto luta do próprio sujeito. Repercutir questões históricas no contexto atual para que a discussão não se perca

O documentário coloca em cena personagens reais da formação da história do Brasil sempre atrelada à dominações e escravidão. A comunidade Quilombola Paiol de Telha localizada no município de Reserva do Iguaçu representa a discussão da terra que perdura por mais de 50 anos na região do Paraná. Ex-escravos, e descendentes de escravos há mais de 20 anos reivindicam a posse das terras hoje sob domínio de uma das maiores produtoras de Malte da América Latina, a Cooperativa Agrária.

Registrar cenas do cotidiano dos sujeitos sociais que discutem a questão da terra no Paraná é colocar em imagem e áudio um trecho da história não contada do Brasil.

2 OBJETIVOS

As lutas sociais que permeiam a sociedade contemporânea estão dispostas em todo território brasileiro a partir do não cumprimento dos direitos garantidos pelo Estado diante de um grupo de indivíduos.

As chamadas comunidades quilombolas firmadas entre os séculos XVIII e XIX no Brasil representavam a resistência à violência sócio-econômica cometida pelo processo de escravidão no Brasil.

O Projeto *Donos da Terra* tem por objetivo apresentar um documentário curta metragem em formato audiovisual, que poderá ser dividido em cinco partes de acordo com as disponibilidades da veiculação, abordando personagens sociais inseridos na luta de resistência caracterizada pela comunidade designada quilombola da área Fundão, de Reserva do Iguaçu (PR).

O processo histórico desta luta social pela terra teve seu início a partir de 1865 tendo se intensificado na década de 1970 com as seguidas expropriações que culminaram na posse completa pela Cooperativa Central Agrária dos territórios herdados pelos ex-escravos de D. Balbina Francisca de Siqueira, proprietária da Fazenda do Capão Grande.

Donos da Terra visa apresentar os personagens da comunidade quilombola Paiol de Telhas que ainda permanecem na área Fundão na tentativa de reaverem os direitos que lhes foram tirados pela omissão do poder público juntamente à articulação de interesses privados. Já que, segundo Duarte:

A legitimidade dos remanescentes de quilombos, principalmente sobre o reconhecimento como suas as terras onde trabalhavam e moravam ocorre na Constituição de 1988, que versa sobre o tema no artigo 68: 'Aos remanescentes de comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos'. (DUARTE, 2010)⁷

Considerando as discussões que permeiam questões como a luta pela função social da terra na área de resistência de Reserva do Iguazu, a proposta do projeto tem por finalidade abordar, a partir dos relatos das personagens sociais locais, os resultados da política pública e parcial do desenvolvimento da questão agrária. Fato que culminou na imposição de uma realidade periférica aos ex-escravos, herdeiros legais da terra, negligenciados no processo de apropriação da área.

Muito embora os meios de comunicação valorizem - ainda que teoricamente – os interesses sociais, pouco espaço é destinado aos debates que refletem os conflitos agrários e direitos reivindicados pelos sujeitos que integram movimentos sociais.

Documentar o processo histórico de luta das terras do Fundão faz-se necessário para que a discussão sobre tais temáticas sejam inseridas na sociedade também através dos espaços destinados à comunicação, tendo em vista a linguagem documental jornalística e seus princípios de atuação social.

3 JUSTIFICATIVA

Entre meados dos séculos XVIII e XIX, a cidade de Guarapuava contava com pequenos grupos de escravos que, segundo NETTO apud SOUZA, "deram o suporte necessário para o desenvolvimento de suas atividades em parceria com o trabalho familiar" (2009, p.17). Os estudos desenvolvidos relatam as estreitas relações estabelecidas entre os senhores das terras e seus escravos como relata Souza,

⁷ DUARTE, Paulo Cesar Borges. **Comunidades Quilombolas: As comunidades negras na formação do Sudoeste Paranaense**. Disponível em: <http://www.famper.com.br/2010/downloads/artigos_pdf/07.pdf>. Acesso em: 26/02/2011

[...] ter observado assentos de casamento, de batismo e de óbito dos escravos em ótimo estado de conservação, com vários dados pessoais que se encontram arquivados na Paróquia Nossa Senhora de Belém em Guarapuava. No livro denominado de Assentos de Casamento de Escravos, percebeu-se uma característica interessante que identificava a existência de casamentos não apenas entre escravos, mas também de indivíduos que em algum momento de sua vida foram escravos ou mesmo tiveram relações com pessoas que foram escravas. (NETTO apud SOUZA, 2009, p. 17).

Em 1865, a abertura do testamento referente à D. Balbina Francisca de Siqueira revelou as proporções das relações entre a família e seus escravos além de fundamentar a problemática norteadora deste Projeto. A transcrição de parte deste testamento legitima a violência cometida diretamente aos ex-escravos herdeiros das terras de D. Balbina

(...)Declaro, que a inverno denominada Paiol de Telha, que possuo na Fazenda do Capão Grande, e que principia desde o portão até o rio da reserva com as terras de cultura nella existentes, ficão pertencendo por meu falecimento a todos os escravos acima mencionados, e a suas famílias, para nella morarem sem nunca poderem dispor, visto como fica como patrimônio dos mesmos". (NETTO apud SOUZA, 2009, p. 18).

Quanto à primeira organização dos herdeiros, estudos históricos demonstram que era pautada a partir da família. A sustentabilidade da fazenda era baseada em pequenas roças de feijão, milho, batata, cana-de-açúcar, e a divisão dos terrenos era distribuída por herdeiros.

A primeira desapropriação foi efetuada, segundo SOUZA, por Pedro Lustoza de Siqueira, afilhado e sobrinho de D. Balbina. Os relatos nos estudos de Souza apontam que Siqueira teria se apossado de mais da metade dos territórios aproveitando-se da confiança dos herdeiros, sobrando-lhes apenas 1270 alqueires. "Em 1875, os libertos herdeiros foram arrolados na condição de vizinhos da propriedade de Pedro Lustoza e vinte anos mais tarde, em 1895, estes confrontantes simplesmente desapareceram." (2009, p.22)

Os herdeiros entram com ação judicial apenas nos anos de 1940 solicitando a reintegração de posse, no entanto, nenhum pronunciamento oficial foi feito. O processo foi arquivado.

A segunda expropriação ocorre 1967, quando os herdeiros buscavam a regularização da propriedade restante sendo ludibriados, como afirma SOUZA, "por pessoas que diziam ajudá-los a dividir as terras que eram usadas comunitariamente. Através de uma escritura de 17 de agosto do referido ano, transferem seus direitos para Alvy Baptista Vitorassi e João Pinto Ribeiro. Um fato intrigante é que a procuradora dos descendentes e libertos era a esposa de João Pinto Ribeiro, a Sra. Iracema Trinco Ribeiro" (2009, p.22).

Percebendo os direitos das terras perdidos, os herdeiros iniciaram protestos diante das incoerências do processo de legitimação da posse, todavia os indivíduos foram coagidos fisicamente, além de obrigados a assinar a escritura de sessões dos últimos direitos de herança. Os direitos da terra aparecem, mais tarde, como de Oscar Pacheco, delegado que promoveu a intervenção aos protestos dos herdeiros.

A última expropriação ocorreu entre 1973 e 1975:

Uma "Escritura pública de Compromisso de compra e venda de terras" foi emitida em 17 de setembro de 1974, especificando uma área de 1600 alqueires, lavrada entre Oscar Pacheco dos Santos e a Cooperativa Central Agrária Ltda. Fato estranho encontra-se documentado, pois segundo a escritura o vendedor, Oscar Pacheco dos Santos, possuía apenas 90% dos 1600 alqueires e a documentação de compra destes, do antigo proprietário Alvy Baptista Vitorassi, relata o dia 1º de outubro de 1974. Outro fator estranho está relacionado ao valor da mesma, cem mil cruzeiros, o mesmo valor de transação que cita a escritura de 1967, acrescentando apenas a palavra novos, cem mil cruzeiros novos. A Cooperativa Agrária adquiriu restante de 10% da área, entre 1974 e 1975, de acordo com os atuais descendentes e libertos. (SOUZA, 2009, p. 22-23).

Novamente a resistência dos herdeiros é coagida violentamente. Casas, colheitas, plantações, maquinários e insumos foram queimados. Relatos históricos apontam, também, para a intervenção da Cooperativa Agrária que pulverizava veneno nos pastos dos remanescentes – vizinhos às plantações da Cooperativa – para que a criação dos remanescentes morresse.

Em 1975 o último herdeiro deixou as terras que foram ocupadas por sócios da Cooperativa. Em 1991 foi concedida a Agrária a posse total das terras por usucapião pelo Juiz da Comarca de Guarapuava, filho de João Pinto Ribeiro.

A definição de Poder Simbólico defendida por Bourdieu, aponta para a construção de uma realidade "que tende a estabelecer uma ordem genealógica: o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social)." (1989, p. 9) Exercido indiscutivelmente pelos meios de comunicação, o Poder Simbólico determina quais temas serão discutidos e sob qual visão o assunto será respaldado. Atua, portanto, como mecanismo de controle do que pode ou não pode ser dito.

(...) a imagem tem a particularidade de produzir o que os literários chamam o *efeito real*, ela pode fazer ver e fazer crer no que faz ver. Esse poder de evocação tem efeitos de mobilização. Ela pode fazer existir ideias ou representações, mas também grupos. (BOURDIEU, 1997, p. 28).

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Após as discussões, os estudos teóricos e algumas análises de como encaminhar nosso documentário, foi a hora de colocar a mão na massa e realizar enfim a parte prática de nosso Projeto Experimental. O primeiro dia escolhido para iniciarmos a aproximação com os personagens e conhecer realmente a história de luta dos quilombolas não foi como programado. Foram praticamente 4 horas dentro do carro sem êxito.

No segundo dia de tentativas encontramos a comunidade e dali iniciariam as conversas que culminariam na edição final de Donos da Terra. Na casa de Seu Domingos, o quilombola mais velho da comunidade (80 anos), a conversa tomou rumos históricos, explicações de outros tempos que datavam de mais de 50 anos antes, as pequenas lutas, os atentados vindos da polícia, de fazendeiros, as casas queimadas, os companheiros de vida que se foram.

Foram cinco visitas. Percorremos casas, trilhas que davam em cemitérios, paredes de pedras construídas pelos escravos, espaços e tempos históricos que escapavam da beira da estrada e entravam por um Brasil não contado e não visto.

Os processos de pré, produção e pós produção duraram cerca de 6 meses contando com coleta de entrevistas do engenheiro agrônomo do INCRA que atua no processo, o Sr. Cláudio Luis Guimarães; também foram colhidas entrevistas com o membro da Coordenação Colegiada do Centro Missionário de Apoio ao Campesinato de Guarapuava, o Sr. Dinísio Vandresen; o prof. Dr. Fernando Franco Neto; e o cartógrafo social José Vandresen.

Transformar os discursos e o cotidiano gravados em imagem e áudio para uma narrativa de poucos minutos foi a tarefa que mais necessitou de olhares profundos, reflexões que abrangeram diversas questões que escapam à comunicação social. A edição contou com pesquisas musicais anteriores para que a arte também complementasse os discursos colhidos, e à vida filmada.

Por se tratar de uma questão de discussão que abrange ciência, tecnologia e história, o documentário precisou ser cuidadosamente montado para que por um lado não se perdessem informações cruciais para o entendimento da questão e, por outro, não se perdessem também a característica artística da imagem, da estética seja da informação, da cena ou do áudio.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

A produção de um projeto experimental no fechamento do curso de jornalismo implica em questões que envolvem o indivíduo diante do seu ofício, cuja responsabilidade deve girar em torno da ética e do bem social já que "O direito social à informação inclui a diversidade de significação do mundo, e dele fazem parte a palavra e a imagem, o jornalismo escrito e a imagem jornalística." (KARAM, 1997, p. 15).

A pré-produção foi iniciada com o estudo histórico do caso desses quilombolas: o processo pelo qual passaram tais indivíduos, a formação enquanto movimento social e os detalhes das políticas que culminaram no conflito que segue sem resolução há anos.

Transcendendo a literatura histórica, os quatro integrantes colocaram-se à estrada em busca da Terra Prometida! Câmeras em mãos e um céu quase escuro por completo foram o cenário de quase 200 quilômetros. Por todos os lados belos campos de soja, milho e erva eram vistos. A Agrária, ao lado esquerdo, foi cenário para dar a dimensão do conflito que iríamos encontrar. Discutíamos entre um quilômetro, e outro e a cada novo campo verde surgia a curiosidade ansiosa de agregar à memória a imagem do Fundão e seus moradores.

À beira da estrada persistem àqueles que vivem uma guerra diária. As casas feitas de lona e ripas de madeiras abrigam as famílias que após anos de expropriações violentas, ainda persistem diante da luta. Diferentemente dos campos verdes encontrados pelo caminho, o que encontramos no Fundão é a violência social aplicada ao indivíduo. Enquanto as plantações de soja tornam valiosas as terras disputadas – foi possível observar o trabalho de diversos maquinários durante o caminho, todos de alta tecnologia – centenas de famílias herdeiras dessas mesmas terras vivem em situações subumanas.

O contato inicial limitou-se à quebra dos receios naturais de todo novo encontro, principalmente tratando-se do projeto que pretende expor um conflito que envolve indivíduos que sofrem diretamente com a própria situação.

A ideia da filmagem foi proposta e aceita de forma tímida. Por entendermos a imposição que a nossa simples presença pôde causar, delicadamente iniciamos algumas conversas sobre o tempo, o lugar e assuntos corriqueiros firmando um próximo retorno para que, então, a história começasse a ser contada.

O Projeto *Donos da Terra* configura-se como documentário curta metragem em formato audiovisual, que pode ser dividido em cinco partes de acordo com as disponibilidades da veiculação, abordando personagens sociais inseridos na luta de resistência caracterizada pela comunidade designada quilombola da área Fundão, de Reserva do Iguaçu (PR). Com duração de 26 minutos, o documentário apresenta personagens reais que vivem à margem da sociedade política brasileira. Tendo como pano

de fundo a beira da estrada onde vivem, os quilombolas contam suas histórias para que fatos tão pouco considerados não se percam no tempo.

Cada parte do documentário traz um pedaço de uma história esquecida e que ainda está longe de ser inteiramente contada. *Donos da Terra* propõe ser apenas uma página em cena desta luta social datada de outros séculos. Os processos de dominação de povos e de políticas públicas tangem os discursos diretos e subjetivos das personagens reais; a escravidão retoma seu lugar de personagem principal da história do Brasil; o tempo histórico é estampado em cena nos rostos dos acampados.

Os processos de produção foram finalizados com a apresentação do projeto no cinema da Universidade Estadual do Centro-Oeste contando com a discussão do prof. Dr. em filosofia Cláudio Andrade; da prof. Mestre e orientadora Ariane Carla Pereira; e o prof. Dr. em história Ariel José Pires tendo como público acadêmicos e professores da Universidade Estadual do Centro-Oeste especialmente do curso de Comunicação Social nas habilidades de Jornalismo e Publicidade e Propaganda.

Num segundo momento o documentário foi apresentado como abertura do *Diálogo de Vivência na África* promovido pelo PET Geografia da Universidade Estadual do Centro-Oeste contando com a discussão em mesa redonda.

De outra maneira, o documentário foi analisado na dissertação de mestrado em Educação pela prof. MS. Mábia Camargo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Além também de fazer parte do acervo quilombola mantido por outros pesquisadores e entrevistados da cidade de Guarapuava.

6 CONSIDERAÇÕES

Na realização do documentário “Donos da Terra”, observamos a proporção de um reconhecimento sobre história, luta e cultura da comunidade quilombola para e a partir de olhares externos de uma sociedade em geral. Há uma exposição e abordagem de um assunto não retratado nos dias atuais pelos meios de comunicação que acabou por tornar nosso projeto experimental ainda mais instigante possibilitando uma contribuição de extrema importância para a nossa formação acadêmica. Conseguimos através de um documentário exercer um dos papéis do jornalista, tão esquecido com as exigências técnicas de um mercado que prioriza valores econômicos aos sociais: a representação de realidades que formam o contexto social pelo qual a história atravessa.

Foi a necessidade de nos firmar enquanto jornalistas priorizando questões como as lutas sociais que nos motivou a iniciar o projeto, e a produção do documentário foi essencial para a nossa necessidade de nos firmar enquanto profissionais sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERCHMANS, Tony. *A música do filme: tudo o que você gostaria de saber sobre a música de cinema*. São Paulo: Escrituras Editora, 2006.

BOURDIEU, Pierre. *Sobre a Televisão*. Tradução: Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed.; 1997

COLLARO, Antonio Celso. *Projeto gráfico: teoria e prática da diagramação*. 4. Ed. rev. e ampl. – São Paulo: Summus, 2000.

DA-RIN, Silvio. *Espelho Partido*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2006.

DUARTE, Paulo César Borges. *Comunidades quilombolas: as comunidades negras na formação do Sudoeste do Paraná*. 2010. Disponível em:
<http://www.famper.com.br/2010/downloads/artigos_pdf/07.pdf> Acesso em: 02 de abril de 2011.

JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. Campinas, SP: Papirus, 1996.

KARAM, Francisco José Castilhos. **Jornalismo, ética e liberdade**. São Paulo: Summus, 1997.

LABAKI, Amir; MOURÃO, Maria Dora (Orgs.). **O cinema do real**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

MOURÃO, Maria Dora Genis e LABAKI, Amir. *O Cinema do real*. Editora Cosac Naify, 2005.

NICHOLLS, Bill. *Introdução ao documentário*. Campinas, SP: Papiru, 2005.

PENAFRIA, Manuela. *Perspectivas de desenvolvimento para o documentarismo*. 1999. Disponível em <<http://bocc.ubi.pt/pag/penafria-perspectivas-documentarismo.html>>. Acesso em: 05 de abril de 2011.

RAMOS, Fernão Pessoa. *Mas afinal... O que é mesmo documentário?* São Paulo: Editora Senac, 2008.

SILVA, Rafael Souza. *Diagramação: o planejamento visual gráfico na comunicação impressa*. São Paulo: Summus, 1985.

SOUZA, Jianete Ribeiro Neves de. *As comunidades quilombolas em Guarapuava e a luta pela posse da terra*. 2009. Disponível em:

<<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2463-8.pdf?PHPSESSID=2010012610220293>>. Acesso em: 02 de abril de 2011

WILLIAMS, Robin. *Design para quem não é designer*. Tradução: Laura Karin Gillon. 2. Ed. rev. e amp. São Paulo: Callis, 2008.